

IMPACTOS DA CULTURA DO CANCELAMENTO SOBRE AS AUTORREPRESENTAÇÕES DO SELF

IMPACTS OF CANCEL CULTURE ON SELF-REPRESENTATIONS OF THE SELF

Edna de Macedo Gomes¹
Raiane Teófilo dos Santos¹
Epitacio Nunes de Souza Neto²
Ralf Diego Silva de Souza³

RESUMO

Este estudo reflete sobre a cultura do cancelamento, fenômeno social da atualidade. Através dos cancelamentos nas redes sociais sujeitos têm sido submetidos a denúncias, boicotes, críticas e perseguições intensas, com consequência severas à saúde mental e bem-estar psicológico. A partir de tais premissas buscamos avaliar os impactos da cultura do cancelamento sobre as autorrepresentações do self, propondo reflexões acerca de seus prejuízos para o autoconceito, autoestima e autoimagem. Trata-se assim de uma pesquisa exploratória, descritiva, de base qualitativa, com amostra composta por 48 universitários pernambucanos que responderam ao questionário semiestruturado. Os resultados revelam que ser cancelado nas redes sociais produz sentimentos de angústia, ansiedade, raiva e tristeza por parte dos usuários.

Palavras-chave: cultura do cancelamento; autorrepresentações do self; autoconceito; autoestima; autoimagem.

ABSTRACT

This study reflects on cancel culture, a current social phenomenon. Through cancellations on social media, individuals have been subjected to intense complaints, boycotts, criticism, and persecution, with severe consequences for their mental health and psychological well-being. Based on these premises, we seek to evaluate the impacts of cancel culture on self-representations, proposing reflections on its harm to self-concept, self-esteem, and self-image. This is an exploratory, descriptive, qualitative study with a sample composed of 48 university students from Pernambuco who answered a semi-structured questionnaire. The results reveal that being canceled on social media produces feelings of anguish, anxiety, anger, and sadness on the part of users.

Keywords: cancel culture; self-representations of the self; self-concept; self-esteem; self-image.

¹ Bacharel em Psicologia, UNISÃO MIGUEL.

² Doutor em Psicologia Cognitiva, UFPE, ensouzaneto@gmail.com.

³ Especialista em Psicologia Hospitalar – ESUDA

1 INTRODUÇÃO

A cultura do cancelamento tornou-se uma prática comum e corriqueira no mundo virtual, configurando-se como um fenômeno da modernidade capaz de promover prejuízos significativos à saúde mental e emocional dos usuários das redes sociais (Monteiro; Cabral; Junior, 2024). Caracterizada pela expulsão de indivíduos ou grupos de posições de influência após discursos, atos ou comportamentos considerados pela maioria dos seguidores como questionáveis ou controversos, o referido fenômeno tem se apresentado como uma nova forma de segregação, na maioria das vezes direcionada àqueles que se utilizam da “liberdade de expressão” para proferir ofensas e/ou insultos contra determinadas minorias.

Costa e Silva (2022) destacam que, no contato com o diferente, surge a questão da intolerância ao outro, e a cultura do cancelamento tem se estabelecido como prática de linchamento e exclusão de sujeitos que cometem erros e que, devido a isso, sofrem punições no ambiente virtual. Tal comportamento social tem exigido reflexões e debates mais amplos, tanto no campo acadêmico quanto nos âmbitos jurídico, da saúde e da sociedade em geral, a fim de se pensar acerca de seus limites e consequências para a qualidade de vida e o bem-estar psicológico dos usuários das redes sociais (Camilloto; Urashima, 2020).

Em decorrência das atitudes agressivas contra determinadas pessoas ou grupos alvos de perseguição punitiva, o cancelamento tem gerado impactos severos e produzido prejuízos que ultrapassam os limites das redes sociais, afetando a vida pessoal, social e profissional, além da saúde mental e do bem-estar dos sujeitos cancelados (Paz; Reis; Moço, 2022). Para Bittencourt (2021), tal prática parece focada, de forma superficial, nos aspectos negativos do caráter e em supostas ações inadequadas das pessoas canceladas, simulando um processo de purificação ideológica. Contudo, o julgamento que separa a fala da história do locutor, distorcendo sua análise, pode desempenhar um papel difamatório e distorcido de toda a situação.

Em consonância, Silva (2021) ressalta que a cultura do cancelamento tem se evidenciado como uma ação punitiva frequente nas redes sociais, favorecendo que as pessoas se sintam livres para expressar opiniões de forma anônima, sem se preocuparem com as consequências. Entretanto, é preciso considerar que essa falsa liberdade, muitas vezes, leva a distorções e à ampla divulgação de informações sem uma análise adequada dos fatos. Tal conduta também tem estimulado muitas pessoas a assumir a condição de juízes, sentenciando e punindo indivíduos cancelados sem, ao menos, lhes oferecer o direito de resposta (Martins; Cordeiro, 2022).

Tornar-se alvo de críticas e humilhações públicas nas redes sociais tem desencadeado sentimentos de vergonha, ansiedade, angústia, medo, estresse e depressão (Paz; Reis; Moço, 2022). Como destacado por Chiari et al. (2020), o cancelamento nas redes sociais tem produzido danos severos não somente à vida pessoal, mas também à vida profissional dos sujeitos alvos, levando-os, inclusive, à perda de empregos, financiamentos de projetos, patrocinadores e à deterioração de suas imagens públicas e de suas relações sociais, afetivas e/ou amorosas. Consolida-se, assim, um clima de tensão e medo intensos que leva muitos indivíduos a

se conformarem com as opiniões predominantes para evitar críticas, perseguições e prejuízos financeiros e profissionais. Para a sociedade em geral, isso resulta no comprometimento não apenas da liberdade de expressão, mas também do diálogo aberto e honesto, necessário à democracia e ao funcionamento das sociedades (Rufino; Segurado, 2022).

Segundo Lima et al. (2021), as redes sociais têm se constituído como espaços nos quais as pessoas expõem suas vidas particulares e expressam suas subjetividades, havendo um inegável impacto das opiniões e avaliações de amigos e seguidores. Em busca de aceitação, o sujeito pode, muitas vezes, moldar a imagem que deseja transmitir às outras pessoas, ainda que inconscientemente, em conformidade com o grupo no qual está inserido.

Nessa direção, Souza Neto (2020) ressalta a importância das autorrepresentações do self, que abrangem as concepções de autoimagem, autoestima e autoconceito, e podem ser compreendidas como as formas pelas quais o sujeito percebe a si mesmo e, a partir da influência do meio no qual está inserido e do qual deseja aceitação, escolhe a imagem que deseja transmitir. É nesse contexto que a cultura do cancelamento parece produzir consequências severas para a saúde mental e emocional, promovendo polarizações nas dimensões da autoconsciência e, conseqüentemente, distorções na autoimagem, ausência de clareza no autoconceito e baixa autoestima. Cabe ainda ressaltar que os prejuízos da cultura do cancelamento atingem não apenas as pessoas-alvo, mas também seus amigos, familiares e a comunidade à qual pertencem (Gomes et al., 2024).

Diante desses pressupostos, verifica-se que a cultura do cancelamento tem impossibilitado o aprendizado e o crescimento pessoal a partir dos próprios erros, já que está mais focada na punição e no castigo do que na educação (Silva, 2021). Em consonância, acreditamos que, ao invés de permitir que os sujeitos reconheçam e corrijam seus atos, a referida prática tem exposto e envergonhado publicamente indivíduos ou empresas, sem considerar a possibilidade de mudança ou reparação. Desse modo, acreditamos ser mais justo e construtivo incentivar o diálogo, possibilitando que os sujeitos analisem e compreendam as consequências de suas ações e ideias, buscando aprendizado e crescimento a partir dos próprios erros.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Pode-se compreender a cultura do cancelamento como um ato de exclusão de um indivíduo, grupo ou marca que ocupa posições de poder ou influência, após a prática de atos, ações ou comportamentos considerados nocivos ou inadequados (Gomes et al., 2021). Essas práticas de exclusão e linchamento virtual têm repercutido negativamente na vida dos sujeitos, desencadeando sentimentos de angústia, ansiedade, depressão, medo e estresse, além de impactos severos na autoestima e na autoimagem dos indivíduos alvos da perseguição (Martins, 2019). Com base nesses pressupostos, este estudo avalia os impactos da cultura do cancelamento sobre as autorrepresentações do self entre universitários pernambucanos usuários de redes sociais. Busca, assim,

compreender os sentidos atribuídos pelos sujeitos à cultura do cancelamento; examinar as possíveis consequências do cancelamento virtual sobre o autoconceito e a autoestima dos investigados; e avaliar as repercussões do fenômeno sobre a saúde mental e o bem-estar geral dos usuários de redes sociais.

A referida investigação caracteriza-se como uma pesquisa exploratória, descritiva e de base qualitativa. Portanto, territórios, culturas, cotidianos, representações, relatos e discursos dos atores sociais servem-nos como objetos de investigação e subsidiam a construção das hipóteses. Ressalta-se que o foco das pesquisas descritivas consiste em descrever as características de determinado grupo ou fenômeno, estabelecendo relações entre as variáveis - etapa valiosa no processo de investigação, análise e observação dos fenômenos, ajudando a construir uma base sólida para estudos posteriores e para a evolução do conhecimento em diversas áreas (Gil, 1999). Já as pesquisas qualitativas concentram-se em questões específicas, explorando áreas de interesse particular em profundidade e investigando aspectos da realidade que não podem ser quantificados de maneira direta, como emoções, experiências pessoais e significados subjetivos. Pesquisas dessa natureza buscam a compreensão e a interpretação dos fenômenos (Minayo, 1994).

Conforme Lakatos e Marconi (2010), entre os principais instrumentos de coleta de dados utilizados nas pesquisas qualitativas destacam-se a observação e os questionários. Estes últimos caracterizam-se como técnica de investigação que envolve a apresentação, por escrito, de um conjunto de questões às pessoas, tendo por finalidade medir e quantificar informações a partir de perguntas elaboradas para coletar dados sobre uma variedade de tópicos, opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas e experiências vivenciadas (Gil, 1999).

Considerando os prejuízos da cultura do cancelamento sobre a saúde mental e emocional dos usuários de redes sociais, partimos da hipótese de que a referida prática tem contribuído significativamente para o desencadeamento e a produção de distúrbios emocionais, com prejuízos severos às autorrepresentações do self, especialmente no autoconceito, na autoestima e na autoimagem dos sujeitos, independentemente dos recortes de gênero, étnico-raciais e socioeconômicos.

Destaca-se que nossa amostra foi composta por 48 estudantes universitários, de ambos os sexos e de diferentes faixas etárias, todos naturais do estado de Pernambuco. Para a coleta de dados, foi elaborado um questionário semiestruturado específico, distribuído por meio do Google Forms. Segundo Mota (2019), o Google Drive tem se estabelecido como uma ferramenta on-line eficiente e apropriada para a criação de questionários de pesquisa direcionados a públicos específicos.

Para a análise dos resultados, recorreremos aos postulados do modelo interpretativo da dupla hermenêutica, de Giddens (1984), por meio do qual se torna possível desvendar os significados que as pessoas atribuem às suas próprias ações. Tal perspectiva é corroborada pelas interpretações de especialistas que possuem base teórica e metodológica, construídas a partir das ações e interpretações de nossos interlocutores (Geertz, 1989).

3 RESULTADOS

Ressaltamos que, para melhor organização e leitura dos resultados apresentados a seguir, estes serão organizados por eixos informativos, considerando: 1) dados sociodemográficos; e 2) construção de sentidos por parte dos sujeitos investigados.

Dados sociodemográficos: os 48 universitários participantes da pesquisa são originários das cidades de Recife, Caruaru, Paudalho, Igarassu e Paulista, municípios do estado de Pernambuco; jovens, com idade entre 18 e 29 anos (42%); e adultos, entre 33 e 57 anos (58%). Destes, 37 (77,1%) são do sexo feminino e 11 (22,9%), do sexo masculino; 43 (89,6%) declararam-se heterossexuais; 4 (8,3%), homossexuais; e 1 (2,1%), bissexual. Relativamente à raça/etnia, 20 (42%) dos sujeitos se autodeclararam pardos; 14 (29%), brancos; 10 (21%), pretos; 1 (2%), mestiço; 1 (2%), indígena; e 2 (4%) não souberam responder. Esses dados denotam que, ao menos em Pernambuco, evidencia-se maior frequência de mulheres pardas, adultas e heterossexuais como usuárias de redes sociais. Reafirmam-se, assim, achados da literatura especializada, que frequentemente destacam a ampla participação e atividade de mulheres nas redes sociais, em variadas plataformas (Campos; Faria; Sartori, 2019).

Construção de sentidos por parte dos sujeitos investigados: os dados evidenciaram que 96% (46) dos participantes do estudo fazem uso frequente e cotidiano das redes sociais, principalmente do Instagram. Nesse aspecto, cabe salientar que, apesar de o Brasil ser o segundo maior consumidor do Instagram, atrás apenas dos Estados Unidos da América (EUA), ainda existe certa incipiência de estudos científicos no país, especialmente na área da Psicologia, que contemplem o uso e os impactos da referida plataforma sobre a saúde e o bem-estar dos usuários (Hage; Kublikowski, 2019). Em consonância com Paz, Reis e Moço (2022), destacamos que estudos sobre a temática se tornam fundamentais devido à atual importância das redes sociais na vida diária de milhares de pessoas e, em especial, pelo fato de informações e julgamentos compartilhados nessas plataformas afetarem, de variadas maneiras, a realidade externa das “pessoas canceladas” e de seus seguidores.

Nesse contexto, verificou-se entre os participantes do estudo certa incoerência nas respostas relativas à vivência do cancelamento nas redes sociais. Dos 48 sujeitos que responderam ao questionário, apenas 10% (5) afirmaram já ter sido cancelados alguma vez na vida. Todavia, em sequência aos questionamentos, todos afirmaram experimentar sentimentos de ansiedade e temor em relação à ação dos seguidores. Essa contradição parece, no mínimo, denotar certo nível de preocupação, receio e medo diante de uma possível exclusão ou não aceitação por parte dos seguidores. Na questão relativa ao tema, foi ainda solicitado que indicassem mais de uma emoção e/ou sensação experienciada a partir do cancelamento nas redes sociais. Por esse parâmetro, registraram-se com maior ênfase os sentimentos negativos de angústia (58%), raiva (46%), tristeza (46%), solidão (15%) e depressão (10%); e, com menor incidência, emoções mais propositivas, como tranquilidade (17%), paz (10%), calma (6%), alegria (4%) e animação (4%).

Esses dados também reforçam achados da literatura especializada ao evidenciarem que, na atualidade, desponta na sociedade em geral uma maior

necessidade de aceitação, juntamente com o medo da exclusão, especialmente entre os jovens. Tais sensações e experiências tendem a produzir danos significativos à saúde psicológica, como destacado por Matos e Godinho (2024) e Lima et al. (2021). Conforme os resultados desses estudos, o cancelamento nas redes sociais tem produzido ansiedade, angústia e estresse, além de depressão, pânico e isolamento social, geralmente acompanhados de danos emocionais, físicos e sociais entre os usuários. Na mesma direção, Souza e Moraes (2021) reforçam a compreensão de que as redes sociais têm promovido mudanças de comportamento, atitudes e ressignificação de valores e percepções em relação ao outro, impactando diretamente a saúde mental dos sujeitos.

Quando questionados acerca das próprias práticas nas plataformas digitais, os universitários pernambucanos apontaram como principais motivos de cancelamento: a “discordância com as opiniões expressas”; “publicações de conteúdos considerados impróprios”; “comportamentos preconceituosos ou ofensivos”; e, especialmente, o “fim de vínculos pessoais”, sinalizando rompimentos de amizades ou relacionamentos afetivo-amorosos. Alguns destacaram ainda o cancelamento de figuras públicas e celebridades devido a “posicionamentos ideológicos e políticos conflituosos” ou “declarações problemáticas”. Esses dados parecem sinalizar a transformação das redes sociais em grandes tribunas, palcos e espaços para discursos ideológicos inflamados, muitas vezes carregados de julgamentos precipitados, pautados unicamente em crenças e valores morais de cunho pessoal, a partir dos quais os sujeitos tendem a se posicionar como juízes e definir sentenças e punições (Bastos; Pedra, 2024; Alencar; Ribeiro; Alves, 2024).

Em consonância com Costa e Silva (2022), propomos que as redes sociais têm se transformado, muitas vezes, em ambientes hostis, marcados por relações de poder, nos quais a exclusão, a difamação, a perseguição e a vingança se estabelecem como instrumentos de luta ou defesa em confrontos linguísticos e imagéticos que ultrapassam as questões legais e para os quais os sujeitos nem sempre atentam às implicações e consequências dos próprios atos. Essa análise é corroborada por Silva et al. (2011), que argumentam que a Internet revolucionou a maneira de o ser humano se comunicar e que essa inovadora tecnologia da informação, cujo diferencial é a extrema rapidez e a vasta amplitude de operações, tem permitido ao homem externar pensamentos, opiniões e escolhas próprias, além de expressar a si mesmo das mais diferentes maneiras e projetar-se no ciberespaço. Essas mudanças têm alterado a relação dos sujeitos consigo mesmos, com o outro e com a sociedade em geral, muitas vezes provocando distorções da realidade e conflitos significativos (Gomes et al., 2024).

Diante dessas considerações e buscando melhor avaliar a construção de sentidos elaborada por usuários de redes sociais, foi solicitado aos participantes que descrevessem suas próprias concepções acerca da cultura do cancelamento, bem como os impactos percebidos sobre a própria saúde e bem-estar emocional. A partir dos dados, verificou-se que o fenômeno é, muitas vezes, compreendido “como um pré-julgamento que pode levar ao cancelamento de uma pessoa ou de sua carreira” [universitária, 40 anos, heterossexual, parda]. Para muitos participantes, esse cancelamento “ocorre frequentemente sem uma apuração adequada dos fatos” [universitário, 26 anos, heterossexual, pardo]. Como fatores motivadores da ação, foram

destacadas as “críticas a pontos de vista diferentes”, bem como “ações ofensivas, inadequadas ou prejudiciais por parte de quem posta”. Para outros, tal processo ocorre “impulsionado por comportamentos de manada, nos quais as pessoas se unem a uma causa sem mesmo compreender completamente os detalhes do que está acontecendo” [universitária, 33 anos, heterossexual, parda].

Acerca dos impactos sobre a saúde mental, foram sinalizados os “sentimentos de exclusão e discriminação vivenciados pelas pessoas canceladas, com desencadeamento de ansiedade, angústia, ataques de pânico e outras comorbidades psicológicas”. Esses dados reforçam que as consequências do uso excessivo das redes sociais têm influenciado a construção e a estruturação da autoimagem dos indivíduos. Nesse âmbito, para muitos dos universitários investigados, as redes sociais têm modificado significativamente a forma como olham para si mesmos, com impactos no autoconceito e na autoestima: “vivemos em uma geração da vitrine, em que tudo é exposto e tem que ser perfeito” [universitária, 31 anos, heterossexual, branca]; e “Eu, particularmente, acho que é um ambiente que adocece” [universitário, 28 anos, homossexual, pardo].

“Eu uso redes sociais, mas não é somente isso que me define. A vida real é diferente. Busco construir minha imagem fora desses padrões” [universitária, 19 anos, bissexual, preta]. Os discursos evidenciam que, de modo geral, esses processos de comparação parecem ser reforçados e tornam-se constantes dentro de um ambiente de mercantilização que objetifica os corpos. Assim, a busca pela estética corporal perfeita e saudável parece substituir ou reforçar a “cultura da eterna juventude”, concretizada pela produção de fotos “higienizadas” por meio de filtros e demais dispositivos tecnológicos disponíveis.

Como destacado por Souza et al. (2022), apagam-se marcas, rugas e imperfeições; escondem-se as idades; clareia-se a pele; selecionam-se os melhores ângulos e luminosidade; e estampa-se o melhor “sorriso para a foto”, geralmente automático e mecanizado (Silva; Japur; Penaforte, 2020). É nesse sentido que a grande profusão de selfies nas redes sociais parece promover, muitas vezes, discrepâncias significativas entre o “eu real” e o “eu ideal” (Barbosa, 2019), também destacadas nos discursos dos participantes: “mesmo tendo consciência de que nem tudo o que é postado é real, é impossível não ser influenciada” [universitária, 18 anos, homossexual, parda]; e “... posso dizer que sou influenciada e, por isso, aumento meu consumismo com roupas, aparelhos eletrônicos e tudo o que desperta desejos em mim” [universitária, 35 anos, heterossexual, branca].

“Eu geralmente tento me inspirar em pessoas que acho bonitas. Muitas vezes acabo fazendo muitas comparações e, conseqüentemente, fico mal com isso”, declara uma participante de 29 anos, heterossexual e autodeclarada parda. Nesse aspecto, Lévy (2003) salienta que o virtual é uma dimensão importante da realidade e, assim, não se opõe ao real, já que o “eu” torna possível contextualizar a ideia da internet enquanto ambiente fértil à reprodução de personagens e performances sociais no espaço midiático do que se gostaria de ser. “Me sinto insegura. Aliás, eu desativo os comentários. Me sinto ansiosa pelo que vão comentar e, quando as pessoas que espero que comentem não comentam, sinto-me desapontada” [universitária, 25 anos, heterossexual, branca].

Segundo Van Dijck, Nieborg e Poell (2020), deve-se considerar que, desde que as câmeras fotográficas digitais substituíram os equipamentos analógicos, nossas rotinas diárias mais íntimas, bem como as maneiras convencionais de armazenar a memória fotográfica, foram inevitavelmente alteradas. As novas tecnologias de comunicação passaram a moldar nossos atos, penetraram nos processos emotivos e afetaram a relação entre o público e o privado, a memória e a experiência com o outro. A internet transformou a fotografia digital em um produto de alta circulação, absorvido e consumido como uma espécie de artefato cultural no universo virtual. Contudo, as fotografias são símbolos que, por si mesmas, não possuem existência, a não ser que lhes sejam atribuídos sentido e significado (Barbosa, 2019), como apontado por nossos participantes: “o Instagram influencia bastante. Tanto que, quando postamos uma foto, sempre procuramos estar arrumadas e maquiadas. Algumas pessoas usam filtros para mostrar uma vida fora da realidade” [universitária, 38 anos, heterossexual, preta].

Relativamente à busca pela manutenção da saúde emocional e mental, os sujeitos investigados enfatizaram as estratégias adotadas no uso de filtros de conteúdo, destacando que aquilo que consomem nas redes sociais pode influenciar negativamente seus pensamentos e comportamentos, especialmente quando se trata de conteúdos problemáticos e conflituosos: “não me deixo influenciar. Minha vida vai além do que posto nas redes sociais” [universitário, 22 anos, heterossexual, branco]. Para alguns, é importante prezar pela autenticidade nas redes sociais, não criando e/ou divulgando uma imagem pessoal falsa ou puramente idealizada: “tento ser eu mesma nas redes sociais e na vida real” [universitária, 19 anos, heterossexual, parda]. Para esses sujeitos, é precioso manter-se honesto e autêntico consigo mesmo e, especialmente, nas interações estabelecidas nas plataformas on-line.

Por último, foi perguntado aos participantes como costumam lidar com as publicações que fazem nas redes sociais. Os dados revelaram que 71% dos universitários publicam frequentemente fotos e conteúdos pessoais nas plataformas que utilizam e sofrem com as repercussões, sentindo diferentes impactos, em variadas intensidades, sobre a própria saúde psíquica e emocional. Os resultados revelam, por exemplo, que, para 31% (15) desses sujeitos, as repercussões promoveram ansiedade; para 12% (6), a experimentação de frustrações; e, para 10% (5), o desencadeamento de irritação e angústia. Ao serem cancelados por amigos e/ou seguidores, o sentimento de exclusão foi registrado por 42% (20) dos participantes; enquanto 36% (18) alegaram sentir tristeza; 29% (14), ansiedade; 27% (13), irritação; e 6% (3), depressão.

O autoconceito está diretamente associado à autoestima, podendo ser concebido como a visão interna de quem somos. Por sua vez, a autoestima caracteriza-se como a avaliação subjetiva e afetiva que o sujeito faz de si mesmo (Souza Neto, 2020). Essa segunda dimensão da autoconsciência, entendida como estado de atenção dirigida ao próprio sujeito, envolve a percepção e o valor que atribuímos às nossas próprias competências, habilidades, características, aparência e valores enquanto indivíduos. Assim, quanto mais claro o autoconceito, mais saudável e estável será a autoestima, promovendo uma visão mais propositiva de si e maior autoconfiança: “o Instagram mostra o que as pessoas gostariam de ser e não o que realmente são. Porém, se utilizado de forma consciente, pode influenciar positivamente”, ressalta uma das participantes, de 24 anos, heterossexual e autodeclarada branca.

Segundo Souza Neto (2020), a autoestima desempenha papel crucial na vida dos sujeitos, influenciando de diferentes maneiras o bem-estar emocional, as interações sociais, os relacionamentos interpessoais, a saúde mental e a qualidade de vida. Cabe salientar que essa dimensão psíquica não se constitui como fixa ou imutável, sendo atualizada e fortalecida ao longo do tempo (Tamayo, 2020). Nesse contexto, outra participante registra: “minha imagem é construída a cada dia, e não como uma colcha de retalhos frágil, que é como essas pessoas (usuários do Instagram) são” [universitária, 31 anos, heterossexual, parda]. Esses dados reforçam a compreensão de que tanto o autoconceito quanto a autoestima desempenham papel importante na relação do sujeito consigo mesmo e influenciam diretamente a autoimagem (Souza Neto; Souza, 2024), sendo essas autorrepresentações do self significativamente impactadas pela cultura do cancelamento (Gomes et al., 2024).

Dessa forma, constata-se que os julgamentos públicos, o linchamento virtual e a ameaça de cancelamento podem comprometer a estabilidade do autoconceito e da autoestima, desencadeando sentimentos de inadequação, insegurança e distorções da autoimagem (Oliveira; Machado, 2021) e, em casos extremos, depressão e ansiedade (Menezes; Santos, 2022), como sinalizado pelos participantes: “algumas vezes, as redes sociais idealizam uma vida perfeita, seguindo e mostrando um padrão de vida que não é real. Isso causa frustração e certa impotência por não se ter as coisas que o mundo virtual mostra ser tão simples e fácil, como ter um relacionamento perfeito, estética perfeita e uma vida bem-sucedida” [universitária, 29 anos, heterossexual, parda].

4 DISCUSSÃO

A cultura do cancelamento tem se caracterizado como um fenômeno contemporâneo, com significativas repercussões sobre a saúde psíquica e emocional dos usuários de redes sociais. Os dados aqui apresentados consolidam achados da literatura especializada, evidenciando que a prática do cancelamento se estabelece como uma ação violenta capaz de produzir e desencadear padecimentos e sofrimentos psicológicos, por meio de quadros de ansiedade, angústia e depressão. O medo da exclusão, aliado ao receio da exposição pública e do linchamento nas redes sociais, tem levado sujeitos de diferentes idades e culturas a desenvolver distorções do autoconceito, com repercussões severas sobre a estabilidade e/ou regulação da autoestima e da autoimagem. A partir dos dados coletados, destaca-se que o estudo em questão atende aos objetivos propostos ao registrar como a cultura do cancelamento tem impactado negativamente as autorrepresentações do self, com consequências severas para a saúde mental, o bem-estar emocional e a qualidade de vida geral de universitários pernambucanos que utilizam cotidianamente as redes sociais. Os resultados também confirmam nossa hipótese, considerando que o referido fenômeno tem impactado de forma severa o autoconceito, a autoestima e a autoimagem dos sujeitos investigados, dimensões da autoconsciência fundamentais para a clareza da percepção de si, independentemente dos recortes de sexo, gênero, faixa etária, aspectos étnico-raciais e condições socioeconômicas. Acreditamos, por fim, que a investigação contribui

significativamente para estimular reflexões mais amplas e concretas acerca das implicações psicológicas, emocionais e sociais desencadeadas por um fenômeno que parece configurar-se, na atualidade, como um problema de saúde pública mundial.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo avaliou os impactos da cultura do cancelamento sobre as autorrepresentações do self entre universitários pernambucanos usuários de redes sociais. Os dados revelaram que o referido fenômeno social não tem se limitado a ações individuais ou pontuais, mas, muitas vezes, tem se expandido em reações coletivas e prolongadas, carregadas de críticas, difamações e perseguições que configuram contextos de violência contra os sujeitos, grupos ou instituições-alvo. Tal prática, que se revela corriqueira e habitual nas plataformas digitais, tem produzido sofrimento psíquico e emocional, desencadeando quadros de ansiedade, angústia, depressão, estresse, irritabilidade, sensações de frustração e exclusão, entre outros, além de, em algumas situações, prejuízos de ordem profissional, financeira e social para os sujeitos cancelados. Destaca-se que a literatura especializada tem evidenciado que a pressão social para que os sujeitos, em geral, se adequem às normas e padrões estabelecidos pelo mundo virtual tem levado, muitas vezes, à perda de autenticidade e à busca incessante por validação e aceitação externas. Constata-se, assim, que a influência das redes sociais compromete significativamente a estruturação e a estabilidade do autoconceito, da autoestima e da autoimagem, dimensões fundamentais para uma melhor compreensão e aceitação de si. A partir dos resultados apresentados, destaca-se que o referido estudo atende aos objetivos propostos, uma vez que evidencia como a cultura do cancelamento prejudica e compromete a estruturação e a regulação das autorrepresentações do self, produzindo prejuízos significativos à saúde psíquica e emocional dos usuários de redes sociais.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Breno R. O.; RIBEIRO, Paulo V. S.; ALVES, Wilma B. C. Cancelados, revogados e incanceláveis: a cultura do cancelamento na imprensa e nas redes sociodigitais. **Revista Linguagem em Foco**, v.15, n.3, pp.59-79, 2024. disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/12395/11148>. Acesso: 20.04.2025.

BARBOSA, Kaline A. O imaginário social feminino e a prática fotográfica do selfie no Instagram. **Dissertação de Mestrado**. Universidade Federal da Paraíba - UFPB. João Pessoa, 2019.

BASTOS, Rafael C.; PEDRA, Adriano S. Exclusão de perfis em redes sociais e o dever fundamental de respeito ao contraditório e à ampla defesa: uma análise à luz da eficácia horizontal dos direitos fundamentais. **Revista Direitos Fundamentais e Democracia**, Vol. 29, Nº. I, pp.165-186, jan./abril, 2024. <https://doi.org/10.25192/ISSN.19820496.RDFD.V.29.N.I.2484>

BITTENCOURT, Renato N. Moralidade líquida, lacração e cultura do cancelamento. **Cadernos Zygmunt Bauman**. vol. 11, num. 27, 2021.

CAMILLOTO, Bruno; URASHIMA, Pedro. Liberdade de expressão, democracia e cultura do cancelamento. **Revista de Direito da Faculdade Guanambi**, Bahia, v.7 n. 02, e317, jul./dez. 2020. DOI: 10.29293/rdfg.v7i02.317. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/RDFG/article/view/13941>. Acesso, 20.04.2025.

CAMPOS, Gabriela R.; FARIA, Hila. M. C.; SARTORI, Isabela. D. Cultura da estética: o impacto do Instagram na subjetividade feminina. **Cadernos de Psicologia**. Juiz de Fora, v.1, n.2, p.310-334, ago-dez. 2019.

CHIARI, Breno S.; LOPES, Guilherme A.; SANTOS, Hiran G.; BRAZ, João P. G. A cultura do cancelamento, seus efeitos sociais negativos e injustiças. In: **Encontro de Iniciação Científica do Centro Universitário Antonio Eufrásio de Toledo de Presidente Prudente**. Anais. Presidente Prudente, v. 16, n. 16, s/p, 2020.

COSTA, Larissa de S.; SILVA, Maria A. A cultura do cancelamento nas interações virtuais como prática da intolerância. **Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC**, Minas v. 7, n. 13, pp.40-50, jan./jun. 2022 – ISSN 2448-0738. Disponível em: [file:///C:/Users/epita/Downloads/pretextos,+03+A+Cultura+do+Cancelamento+nas+rela%C3%A7%C3%B5es+virtuais+como+pratica+da+intoler%C3%A2ncia+\(40-50\).pdf](file:///C:/Users/epita/Downloads/pretextos,+03+A+Cultura+do+Cancelamento+nas+rela%C3%A7%C3%B5es+virtuais+como+pratica+da+intoler%C3%A2ncia+(40-50).pdf). Acesso: 10.05.2025.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro (RJ): **Livros Técnicos e Científicos**. 1989.

GIDDENS, Anthony. The constitution of society: on outline of the theory of structuration. Cambridge/Berkeley: **University of California Press**, 1984

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4 ed. São Paulo: **Atlas**, 2002.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: **Atlas**, 1999.

GOMES, Geisa C.; SANTOS, Karem C.A. S.; SOUZA, Yara E. R.; NASCIMENTO, Gilmar S. Impactos da pandemia covid-19 para a visibilidade da cultura do cancelamento nas redes sociais. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**. São Paulo. v.7.n11. pp.314-336, nov.2021. <https://doi.org/10.51891/rease.v7i11.307>.

GOMES, Edna M.; SANTOS, Raiane T.; SOUZA NETO, Eptacio Nunes; SOUZA, Ralf Diego Silva. Impactos da cultura do cancelamento sobre as autorrepresentações do self. **V Semana Científica do Agreste Pernambucano – ANAIS nº 5**. - Garanhuns, PE: Universidade de Pernambuco – UPE, 2024 - ISSN 2675-3731

HAGE, Zakiee. C. M.; KUBLIKOWSKI, Ida. Estilos de uso e significados dos autorretratos no Instagram: Identidades narrativas de adultos jovens brasileiros. **Estudos e Pesquisa em Psicologia**. Rio de Janeiro. v.19, n.2, p.522-539. Maio-agosto 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/44285/30307>. Acesso: 20.04.2025

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. Fundamentos de metodologia científica: Técnicas de pesquisa. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. (3rd. ed.) Rio de Janeiro: Ed. 34, 2003.

LIMA, Gabriele. O.; COSTA, Maria L. S; HOLANDA, Maria F.; CASTRO, Raissa H. B. As consequências da cultura do cancelamento na saúde mental: uma revisão narrativa. **Psicologia: abordagens teóricas e empíricas**. Pp.324-333 abril. 2021. 10.37885/210605174.

MARTINS, Tamires de A.; CORDEIRO, Ana P. A cultura do cancelamento: contribuições de um olhar sociológico. V VICCAL. Comunicação, Cultura e Diversidade. **Extraprensa**, São Paulo. V. 15. pp.29-47, 2022. <https://doi.org/10.11606/extraprensa2022.194383> (Original work published 2022)

MARTINS, Anna C. L. Discurso de ódio em redes sociais e reconhecimento do outro: o caso M. **Revista Direito GV**. v.15. n. 1. Pp.2-30. Jan-Abr 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rdgv/a/WPZBfgrv6Md957dSxz7Hh5h/?format=pdf&lang=pt>. Acesso: 30.04.2025.

MATOS, Kelvym A.; GODINHO, Mônica O. D. A influência do uso excessivo das redes sociais na saúde mental de adolescentes: uma revisão integrativa **Revista Foco**, Curitiba (PR). v.17, n.4, e4716 - p.01-18, 2024. e4716. <https://doi.org/10.54751/revistafoco.v17n4-035>.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MONTEIRO, Marcela S. G.; CABRAL, Vanessa D.; JUNIOR, Leconte de L. C. A cultura do cancelamento: influência midiática e a saúde mental do jovem. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*. São Paulo, v.10.n.01. pp.1453-1465, jan. 2024. 1453–1465. <https://doi.org/10.51891/rease.v10i1.12951>.

MOTA, Janine da S. Utilização do *google forms* na pesquisa acadêmica. **Revista Humanidades e Inovação**. v.6, n.12. pp.371-380., 2019. Disponível em: <file:///C:/Users/epita/Downloads/1106-Texto%20do%20artigo-5581-3-10-20191011.pdf>. Acesso: 15.04.2025

OLIVEIRA, Michelle R.; MACHADO. Jacqueline S. A. O insustentável peso da autoimagem: (re)apresentações na sociedade do espetáculo. **Ciência & Saúde Coletiva**, 26(7):2663-2672, 2021. DOI: 10.1590/1413-81232021267.08782021.

RUFINO, Mariana; SEGURADO, Rosemary. Cultura do cancelamento: uma análise de Karol Conká no BBB 21. *PragMATIZES – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura*, Niterói/RJ, Ano 12, n. 22, p.616-640, mar.2022. DOI: <https://doi.org/10.22409/pragmatizes.v12i22.51090>

SILVA, Alessandro F. S. Cultura do cancelamento: cancelar para mudar? Eis a questão. **RAIN**, vol. 1. n. 1, pp.93-107, jan. 2021. <https://fh.mdp.edu.ar/revistas/index.php/rain> - ISSN 2718-7519 (en línea). Acesso: 28.04.2025

SILVA, Roseane. L.; NICHEL, Andressa; MARTINS, Ana C. L.; BORCHARD, Carlise K. Discurso de ódio em redes sociais: jurisprudência brasileira. **Revista direito GV**. São Paulo. p. 445-468. Jul-dez, 2011. doi.org/10.1590/S1808-24322011000200004.

SILVA, Ana F. S.; JAPUR, Camila C.; PENAFORTE, Fernanda R. O. Repercussões das redes sociais na imagem corporal de seus usuários: revisão integrativa. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 2020, v.36, e36. DOI:doi.org/10.1590/0102.3772e36510

SOUZA, Rita R.; MORAES, Leizer F. Impactos das redes sociais na cultura e saúde mental dos usuários. **Revista Tecnologia e Sociedade**. Curitiba, v.17, n.48, p.147-162, jul-set. 2021. DOI: 10.3895/rts.v17n48.12640.

SOUZA NETO, Epitacio N. Violência Sexual: impactos sobre o desenvolvimento da autoconsciência e autorrepresentações do self no ciclo de vida. **Tese de Doutorado**. Programa de Pós-Graduação Psicologia Cognitiva – UFPE, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/39286>. Acesso: 12.05.2025

SOUZA NETO, Epitacio N.; SOUZA, Ralf Diego S. Impactos da violência sexual sobre a autoconsciência e autorrepresentações do self no ciclo vital. **Semana Científica do Agreste Pernambucano – ANAIS nº 5**. - Garanhuns, PE: UPE - ISSN 2675-3731. 2024. Disponível em: <https://doity.com.br/secap/blog/anais>. Acesso 23.05.2025

SOUZA, Gabriela A. R. R.; BUENO, Izabely P.; REIS, Maria E. R.; BALBINO, Michelle L. C. A cultura do cancelamento nas redes sociais: impactos e práticas em tempo de pandemia e suas consequências. **Scientia Generalis**, [S. l.], v. 2, n. Supl.1, p. 147–147, 2022. Disponível em: <https://scientiageneralis.com.br/index.php/SG/article/view/365>. Acesso: 10.05. 2025.

TAMAYO, Alvaro. EFA: Escala Fatorial de Autoconceito. **Arq. bras. Psic.**, Rio de Janeiro, 33 (4): p.87-102, Olt./dez. 1981. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/abp/article/view/18617/17358>. Acesso: 20.04.2025

VAN DIJCK, José; NIEBORG, David; POELL, Thomas. Plataformização. **Fronteiras – estudos midiáticos**, 2020, 22 (1): 2-10. doi.org/10.4013/fem.2020.221.01.

Submissão em 05 de agosto de 2025.

Aceite em 15 de maio de 2026.